



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

OFICINAS DE SAÚDE E SEGURANÇA OCUPACIONAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA, UMA REFLEXÃO POSSÍVEL

Ederson Pinto da Silva¹
Maria Odete da Rosa Pereira²
Ana Paula Grellert³
Márcio Marcelo Garcia Morales⁴

RESUMO

O presente trabalho busca uma análise da *práxis* estabelecida no projeto Ações para Consolidação da Rede Regional de Comercialização Solidária do Pescado na região Sul do RS. A mesma abrange 7 (sete) municípios da região e tem como foco os pescadores artesanais. O que se torna motivo de reflexão para nós neste artigo é a metodologia utilizada como técnica, e sua relação com o Método do ponto de vista filosófico e ontológico. Dessa forma, num primeiro momento, faremos uma contextualização histórica da situação da pesca artesanal na região e dos movimentos sociais que envolveram os pescadores e pescadoras neste cenário. A seguir, apresentaremos o projeto da Rede como um todo e então delimitaremos as oficinas de saúde e segurança ocupacional como um material de pesquisa e reflexão, capaz de apontar alguns elementos estruturantes de uma proposta de educação ambiental comprometida com a transformação social. A perspectiva teórica que nos orienta está basicamente calcada nas idéias de Marx, Engels, Gramsci, Vygotsky e Sanchez Vázquez. **Palavras-chave:** Educação Ambiental, Saúde, Segurança Ocupacional, Pescadores Artesanais.

¹ Tecnólogo em Gestão Ambiental, consultor da Cooperativa Lagoa Viva Ltda. CEP: 96130-000 – Pelotas – RS – Brasil – ederson.tga@gmail.com

² Pedagoga, discente do doutorado em Educação Ambiental na FURG e consultora da Cooperativa Lagoa Viva Ltda. CEP: 96130-000 – Pelotas – RS – Brasil – dethfurg@hotmail.com

³ Pedagoga, consultora da Cooperativa Lagoa Viva Ltda. CEP: 96130-000 – Pelotas – RS – Brasil – paulinhagrellert@gmail.com

⁴ Agrônomo, consultor da Cooperativa Lagoa Viva Ltda. CEP: 96130-000 – Pelotas – RS – Brasil – marciomorales@gmail.com

ABSTRACT

The present study aims at analyzing the *praxis* established in the project *Ações para a Consolidação da Rede de Comercialização Solidária do Pescado* (possibly translated into Actions toward the Consolidation of the Solidarity Fish Marketing Network) in the South region of the State of *Rio Grande do Sul*. This region comprehends 7 (seven) municipalities and has artisanal fisher communities as a potential focus. What becomes the reflexive concern along this paper is the methodology used as technique, and its relations with the Method from the philosophical and ontological point of view. Thus, firstly we contextualize historically the situation of artisanal fishery in the region and of the social movements that have involved fisher communities within this scenario. Next, we present the Network project as a whole and then we define workshops on occupational health and safety as a research and reflection material capable of pointing to structuring elements of an environmental education prospect committed to social transformation. Therefore, essentially, our theoretical perspective is based on ideas from Marx, Engels, Gramsci, Vygotsky, and Sanchez Vazquez.

Keywords: Environmental Education, Health, Occupational Security, Artisanal Fisher.

INTRODUÇÃO

De acordo com Sanches Vázquez (2007), na práxis social os sujeitos agrupados aspiram mudar as relações econômicas, políticas e sociais (a história é realizada por indivíduos cujas forças unidas em um povo são capazes de revolucionar um sistema). Desta forma, consideramos que a Rede de Comercialização é uma ferramenta poderosa que proporciona que os sujeitos se encontrem para discutir seus problemas e buscar soluções concretas que dizem respeito a sua produção social, ao seu trabalho e produtividade na pesca. Nesta perspectiva é que o Método⁵ se torna fundante das metodologias como técnicas utilizadas nos diferentes encontros. Para além das técnicas, precisamos ter uma meta que pretenda dar conta dos problemas sociais mais abrangentes do que o nosso foco pontual. Não resolveremos problemas com uma boa técnica de trabalho didático, mas seremos capazes de construir um processo de aprendizagem eficaz e a partir dele as pessoas terem condições objetivas de intervir na sua realidade e buscarem elas mesmas as soluções para seus limites. Em Paulo Freire encontramos nosso alento, o diálogo é conceito - chave e prática essencial na concepção freireana, ele comenta seu entendimento a respeito do diálogo:

Para pôr o diálogo em prática, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber, deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto não é um homem perdido, fora da

⁵ Ao nos referirmos ao Método estamos embasados tanto no método dialético materialista histórico como referenciados em Vygotsky.

realidade, mas alguém que tem toda uma experiência de vida e por isso também é portador de um saber”. (Paulo Freire, in Moacir Gadotti, Paulo Freire: Uma Biobibliografia, 1996.).

Da mesma forma consideramos que o trabalho com o pescador e suas famílias necessita de um recorte apropriado, não se pode pensar um programa de fora para dentro e sim construir com eles a saída, a possibilidade de transformação. Acreditamos que sua realidade é produzida historicamente pelo seu trabalho na pesca, sendo assim, é neste âmbito que se encontram as possibilidades de mudança da sua condição atual.

Para Marx (1975), o trabalhador é expropriado de si mesmo, do seu trabalho e da natureza pelo sistema capitalista, pela forma como se organiza o processo de trabalho tendo como objetivo o grande capital. De acordo com esse pressuposto, ao se pensar uma proposta de educação ambiental, na orientação do método dialético materialista propomos que necessariamente nos reportemos aos processos históricos que se construíram ao longo do tempo, onde as concepções de homem e natureza são deturpadas através alienação. Partindo do conceito de que o sujeito se constitui ao longo da história através do trabalho, então ele vai também agindo na sua própria natureza. Isto é, vamos, aos poucos, nos modificando conforme os processos históricos que interagimos.

A abordagem que propomos aqui está baseada na concepção de trabalho como mediador entre ser humano e natureza, dentro do mesmo paradigma, consideramos que o movimento da natureza é um movimento dialético sendo o movimento histórico então a essência da natureza (Marx& Engels, 1979).

Nas concepções e análises marxianas da realidade encontramos a base para o pensamento crítico e ambientalista, porém, acreditamos que alguns conceitos precisam ser mais bem acordados. Neste sentido, precisamos repensar algumas interpretações em que ainda estão limitadas as idéias de que a transformação social vem apenas com a revolução nas forças produtivas e com o fim das sociedades de classe, mantendo os preceitos de domínio da natureza pelo homem. Nessa linha, temos o exemplo vivo do socialismo burocrático e autoritário que usou deturpadamente as idéias de Marx. Essa discussão é proposta com aprofundamento por Tozoni-Reis (2004):

A relação histórica do homem com a natureza não têm o caráter interessado, utilitarista, das idéias antropocêntricas, mas contribui para a superação da concepção idílica – Natural – da igualdade entre os elementos da natureza presente nas falas de vários educadores ambientais (p. 41).

E mais:

Para o setor mais crítico do pensamento ambientalista, a problemática ambiental é essencialmente política e sua superação exige transformações profundas na organização da sociedade (p.41).

Apresentamos então, algumas idéias que articulam entre si a educação ambiental (integradora das temáticas segurança e saúde dentre outras), a pesca artesanal e uma metodologia de trabalho que envolve os meios de produção e a participação ativa dos sujeitos na esfera pública e de decisões como Conselhos Municipais de Saúde, Meio Ambiente e até mesmo nas comissões Municipais de Emprego, buscando pautar a pesca artesanal nestes espaços com a importância que a mesma merece, uma vez que envolve milhares de famílias da região.

CONTEXTO HISTÓRICO

Dados históricos apresentam a pesca artesanal como uma das mais antigas profissões exercidas pela humanidade. Ao longo de milhares de anos esta atividade vem passando de geração em geração até os dias atuais. Na zona costeira brasileira, a pesca é responsável por cerca de 800 mil empregos diretos e quatro milhões de empregos indiretos.

Na região sul do Rio Grande do Sul, a pesca artesanal remonta às tribos indígenas que tinham nesta atividade uma importante fonte de subsistência. Após a dominação européia, esta atividade passou a ser desenvolvida por escravos e peões das charqueadas, como complemento da dieta, passando também a ser desenvolvida por imigrantes luso-açorianos que se instalaram na região através do Porto de Rio Grande. A partir deste período a pesca artesanal passou a ser praticada em escala comercial (Silva, 1990).

Até a década de 60, a pesca artesanal era a principal responsável pelos desembarques no Rio Grande do Sul, porém, a partir deste período, este segmento foi perdendo a importância e passando a ter um papel cada vez menor na composição da economia regional.

Desta forma, desde o início da década de 90, as comunidades de pescadores artesanais da região passaram a enfrentar uma profunda crise de identidade, provocada pela crise econômica e pela falta de perspectivas para contornar a situação de colapso da pesca.

No ano de 1999, os pescadores da região sul do estado ligados a Pastoral da Pesca, se mobilizaram para participar das assembleias do Orçamento Participativo⁶ e conquistaram importantes recursos através do governo estadual. Entre os anos de 1999 a 2002, os investimentos do governo do estado atingiram algo em torno de R\$ 7.000.000 (sete milhões de reais), excluindo gastos com pessoal, veículos e custeio. Os investimentos se deram basicamente na produção, capacitação, industrialização, comercialização e manejo ambiental (PROJETO FUMIN, 2002 apud PIEDRAS et al. 2003). Durante este período, várias comunidades de pescadores passaram a buscar suas próprias alternativas para enfrentamento da crise. Tais ações resultaram em um salto de qualidade na organização dos pescadores, culminando com a criação de várias associações e cooperativas, além do Movimento dos Pescadores Profissionais Artesanais (MPPA).

Com a criação da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República – SEAP/PR no ano de 2003, o tema da aquicultura e pesca passou a fazer parte da agenda nacional, dando início a importantes transformações no setor. Além do fomento à produção aquícola e pesqueira, diversos investimentos passaram a ser realizados ao longo de toda a cadeia produtiva do pescado. Como resultado, o acúmulo das experiências existentes na região possibilitou uma nova forma de organização do setor, que deu origem a uma rede regional de associações e cooperativas de pescadores. Atualmente, esta Rede está articulada nos municípios de Arroio Grande, Santa Vitória do Palmar e Jaguarão (abrangendo todos os municípios do entorno da Lagoa Mirim), e nos municípios de Pelotas, Rio Grande, São José do Norte e São Lourenço do Sul (abrangendo todos os municípios do entorno do Estuário da Lagoa dos Patos).

Neste contexto, a Cooperativa dos Pescadores Profissionais Artesanais Lagoa Viva LTDA desenvolve o projeto “Ações para consolidação da rede regional de comercialização solidária do pescado no sul do Rio Grande do Sul”, através de um convênio firmado com a SEAP/PR, o qual prevê a realização de oficinas de saúde e segurança ocupacional na pesca.

O porquê das oficinas de saúde e segurança ocupacional

Se considerarmos todos os riscos a que os pescadores estão expostos, podemos afirmar que a pesca artesanal é uma atividade extremamente perigosa. Ao abordar o tema da

⁶ Processo onde o governo destina parte do seu orçamento para ser discutido através de um processo de participação popular, onde a população tem voto direto sem representação.

segurança em sua atividade, o pescador Claudio Roberto Ebersol sintetizou: “*O pescador tem que ser safo, porque no mar não tem galho!*”. Os riscos relacionados ao simples fato de navegar, a exposição dos pescadores ao frio e a radiação solar, fazem parte do cotidiano da pesca artesanal. Também não são raros os casos de pescadores vítimas de acidentes quando estão exercendo sua atividade. Da mesma forma, através da vivência junto às comunidades de pescadores, podemos perceber que existe uma série de doenças e lesões provocadas pela intensidade do trabalho.

A deficiência de contribuições teóricas acerca da saúde e segurança ocupacional dos pescadores artesanais, além de revelar um histórico descaso com este tema, nos mostra que há um imenso caminho a ser trilhado para a compreensão dos riscos e agressões que esta atividade impõe a saúde destes trabalhadores, bem como para a adoção de medidas com vistas erradicar suas causas e/ou minimizar seus efeitos. Como exemplo, pode-se tomar a questão do alto índice de consumo de bebidas alcoólicas pelos pescadores, o que na maioria das vezes é descrito como um problema relacionado à exclusão social e não a atividade da pesca, porém, assim como os antigos marinheiros que consumiam Rum pra se encorajar antes das batalhas navais, os pescadores quando embarcados têm o hábito de consumir bebidas alcoólicas com o objetivo de “espantar o frio” ou “enfrentar o mar”. Outra situação comum é presenciarmos alguns agentes externos às comunidades reclamando do tom de voz adotado pelos pescadores em suas reuniões, como se esta atitude fosse um ato de “falta de educação” e não o resultado da exposição à alta intensidade do ruído dos motores das embarcações.

Neste sentido, o projeto previu a realização destas oficinas que tiveram como principal objetivo, chamar a atenção dos pescadores para a necessidade de aprofundar o debate acerca da saúde e segurança na pesca artesanal.

METODOLOGIA

A perspectiva metodológica que nos orienta segue alguns princípios apontados por Vygotsky (2001, 1993) que trata da análise do subtexto. Esse aspecto torna-se adequado para o que estamos nos propondo investigar durante nosso trabalho com a Rede e com as oficinas. Nossa intenção é trabalhar com as subjetividades que compõem o complexo trabalho do pescador na região. Assim, buscamos a constituição do sujeito pescador e pescadora pela sua cultura, sua produção local e o modo que se reproduz sócio-econômica e ambientalmente. Como nosso trabalho de ação-reflexão busca construir e re-construir significados e entender

processos constitutivos dos sujeitos no contexto histórico, utilizaremos as narrativas dos sujeitos de pesquisa como instrumento de coleta de dados para análise do subtexto, lembrando que o método está no processo, e os próprios educadores também vão se constituindo ao longo do trabalho.

Na concepção de educação como diálogo (Freire, 1982) entre diferentes interesses e entendendo que a organização da sociedade atual é repleta de desigualdades e injustiças sociais, acreditamos que o papel do educador ambiental está intimamente ligado à sua visão de mundo (Loureiro, 2004).

Na interface com a educação ambiental, (visando à saúde e segurança dentro da temática “ambiente”), com a gestão pública temos as idéias de Quintas (2002), para quem a problemática ambiental é:

O produto da relação que se instaura, em determinado momento histórico, entre sociedade e natureza, quando analisada indica a existência de dois tipos de relações interdependentes: a dos seres humanos entre si (meio social) e destes com a natureza não humana (meio físico natural) (p.116).

De acordo com esses preceitos não se pode fazer uma ligação direta dos problemas ambientais da atualidade com a humanidade como um todo. Os problemas de esgotamento dos recursos advêm da forma como a sociedade se relaciona, sistematicamente com o meio físico-natural. Isto é, os meios de produção e reprodução socioeconômicos da sociedade implicam, estes sim, diretamente na problemática ambiental. Para ser compreendida na totalidade, essa gama de relações precisa ser analisada a partir da inter-relação de aspectos econômicos, sociais, políticos, éticos, afetivos, culturais e jurídicas (Quintas 2004).

Percursos Metodológicos

Foram realizadas sete oficinas, sendo uma por município da área de abrangência do Projeto. Para a realização destas oficinas, buscou-se um conjunto de apoios institucionais que permitiu a abordagem da questão da saúde e segurança ocupacional da pesca, sob diversos enfoques.

Com o objetivo de despertar interesse pra discutir o assunto, buscou-se apoio no Conselho Regional de Saúde, com a participação de seu presidente, que também é um trabalhador vinculado ao Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Alimentação de Pelotas. Ao apresentar o trabalho do Conselho Regional de Saúde, por um trabalhador e não

por um médico, buscamos consolidar nos grupos a idéia de que qualquer trabalhador está apto a fazer o debate relacionado à sua saúde.

Após a sensibilização para o tema, foi realizado um trabalho em grupo onde os participantes foram divididos em dois grupos e a cada um deles foi fornecido uma câmera fotográfica, sendo solicitado que cada grupo fizesse uma saída de campo, identificando e fotografando os fatores de risco à saúde dos pescadores em sua atividade.

Cada grupo escolheu um relator que apresentou os fatores de risco identificados e fotografados à plenária.

O debate da saúde foi seguido de uma conferência abordando a temática sobre direitos e deveres previdenciários. Esta atividade foi incluída na programação, tendo como principais objetivos provocar o debate sobre os direitos previdenciários dos pescadores em relação às doenças e acidentes relacionados ao trabalho, bem como nivelar conhecimentos sobre os procedimentos em relação à ocorrência de doenças e/ou acidentes do trabalho.



Figura 1 – Identificação dos fatores de risco pelos participantes

Ao término de cada atividade foi realizado um processo de avaliação pelos pescadores, onde foi empregado um método que buscou preservar a identidade dos participantes, bem como garantir a opinião de todos. Neste sentido, foram distribuídas duas tarjetas e um pincel atômico a cada participante e foi solicitado que em uma tarjeta (da cor A) eles escrevessem

um aspecto que acharam positivo na oficina e na outra tarjeta (da cor B), fosse escrito um aspecto a melhorar. O resultado destas oficinas está sendo sistematizado e será devolvido às comunidades, bem como encaminhado aos órgãos que tem interface com o tema.

RESULTADOS PRELIMINARES

A identificação pelos próprios pescadores de diversos fatores que expõem riscos a sua saúde, bem como inúmeros casos de acidentes de trabalho que normalmente passavam despercebidos, somados ao debate sobre os direitos previdenciários relacionados ao trabalho na pesca, foram alguns dos grandes acúmulos que ficam deste processo.

FATOR	RISCO/CONSEQUÊNCIA
Barraca	Exposição a umidade; Exposição ao frio; Exposição ao calor em dias ensolarados; Problemas na coluna relacionados à postura.
Motor	Ruído intenso; Exposição aos gases de combustão ⁷ ; Acidentes com conjunto girante; Acidentes na partida do motor.
Piso das embarcações	Escorregões e acidentes por queda
Paneiros	Acidentes por queda
Navegação	Naufrágio, principalmente por tocos ⁸ ; Afogamento.
Lançar as redes	Escorregões e acidentes relacionados; Afogamento; Estrangulamento de membros; Perda de membros.
Recolher as redes	LER/DORT Espetar esporões de peixe na mão;

⁷ Na grande maioria dos casos, as embarcações de pesca artesanal utilizam motores a diesel com descarga direta, sem qualquer tipo de tratamento dos gases de combustão.

⁸ Principalmente no estuário da Laguna dos Patos, muitos pescadores de camarão ainda deixam seus calões nos locais de pesca. Com o passar do tempo, estes calões quebram abaixo na linha da superfície da água e se transformam em um risco para a navegação.

	Mordida de peixe (traíra); Problemas nas articulações dos joelhos.
Caixa de gelo	Exposição ao frio intenso
Deslocamento pela embarcação	Quedas
Consumo elevado de bebidas alcoólicas	Alcoolismo

Figura 2 – Principais fatores de risco e suas conseqüências identificadas pelos pescadores.

Como estava previsto em nossa metodologia, não deverá ser com nossa ação nas comunidades que os problemas serão resolvidos, mas verificamos que constituímos um processo de reflexão com os pescadores e suas famílias que estabeleceu condições de continuidade do debate acerca dos assuntos relacionados ao tema da saúde e segurança na pesca. A intenção é convergir às ações comunitárias neste sentido de potencialização do poder local e das lideranças comunitárias. Sendo assim, torna-se fundamental a articulação dos diferentes projetos, movimentos sociais e/ou sindicais da região.

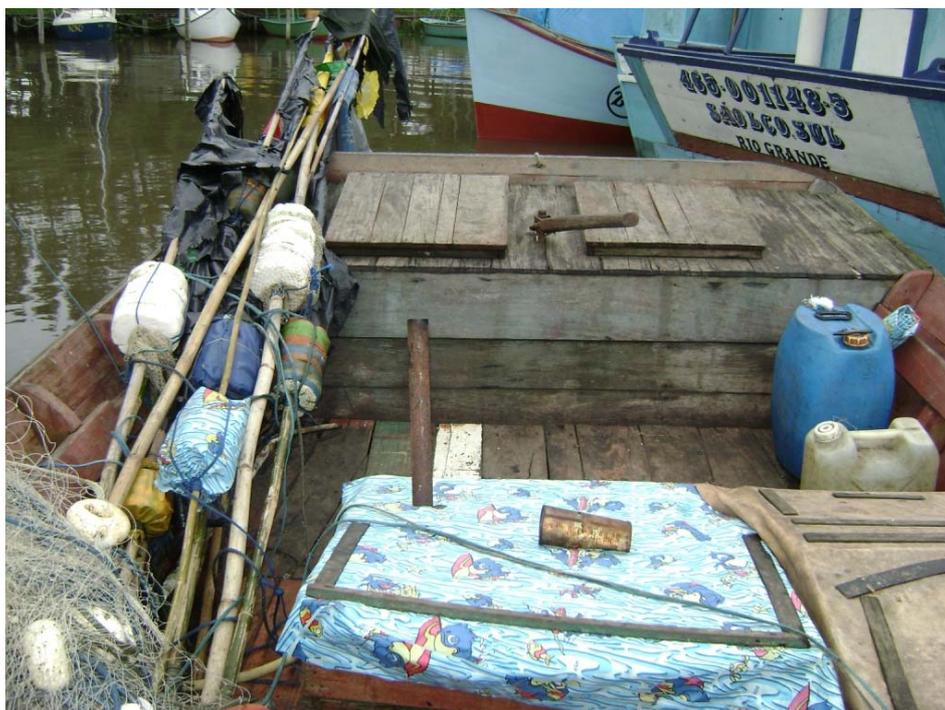


Figura 3 – Motor com descarga sem tratamento de emissões

Assim como nos falava Paulo Freire (1982), a educação não é neutra, como também não o é a ciência. Ambos estão a serviço de interesses que podem vir a ser do bem coletivo ou particular. Desta forma, se está fazendo política nas atividades diárias, mesmo sem a intenção

imediate de intervir no processo histórico. Uma proposta de educação ambiental que considere os processos produtivos da pesca artesanal como fundantes na sua construção, também se torna comprometida com esse grupo social se caracterizando por uma educação ambiental transformadora (Loureiro, 2004). Para Pereira (2006) é central a participação e a direção do processo educativo pelo próprio pescador, no movimento e nas lutas, numa ação emancipatória. Não queremos com isso confundir o papel da educação como único instrumento de transformação social, entendendo que a educação é fundamental para a emancipação humana, mas ela está intrinsecamente ligada ao modo como essa sociedade se produz e reproduz socialmente. A proposta aqui neste trabalho é buscar nas subjetividades inerentes ao trabalho de pescador, no desenvolver de sua história, as bases para a negação do sistema atual, concretizando assim uma ação dialética e educativa através da práxis. Esta entendida conforme Loureiro (2004):

Atividade concreta pela qual o sujeito se afirma no mundo, modificando a realidade objetiva e sendo modificado, não de modo espontâneo, mecânico e repetitivo, mas reflexivo, pelo auto-questionamento, remetendo a teoria à prática.

Portanto, além da mera identificação de um conjunto de situações que expõem os pescadores a situações de riscos para sua saúde, um dos maiores resultados alcançados foi chamar a atenção dos mesmos para a necessidade de se envolver no debate acerca dos assuntos relacionados à saúde e segurança ocupacional na pesca.

BIBLIOGRAFIA

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere*, Volume 1. Ed. E Tradução, Carlos Nelson Coutinho; Co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. _ 3ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- IBAMA, Como o Ibama exerce a educação ambiental. QUINTAS, J.S.Coordenação Geral de Educação Ambiental. Brasília: Edições Ibama, 2002.
- LOUREIRO, C.F.B. *Trajetória e Fundamentos da Educação ambiental*. São Paulo. Cortez. 2004.
- MARX, Karl. *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*, Edições 70 LDA. Lisboa-Portugal, 1975.
- MARX, Karl & ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo. Hucitec.1979.

- MOLON, Susana Inês. Contribuições Epistemológicas da perspectiva sócio-histórica para a educação ambiental. Galiazzi, Maria do Carmo, et al Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. P.135.
- PEREIRA, M.O.R. Educação Ambiental com pescadores artesanais: Um convite à participação. Rio Grande: FURG. 2006. 130p. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Programa de Pós - graduação: Mestrado em Educação ambiental, 2006.
- PIEDRAS, S. R. N. (coord.). Estudo da Viabilidade de Recuperação e Otimização do Potencial Pesqueiro da Lagoa Pequena – Pelotas – RS. Pelotas: UCPEL, 2003.
- SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. Filosofia da Práxis – 1ª. Ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales – CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2007.
- SILVA, J. N. A. Perfil pesqueiro da frota artesanal do Rio Grande do Sul de 1945 a 1989. Rio Grande: CEPERG/IBAMA, 1990. 43 p.
- TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Educação Ambiental: natureza, razão e história. Campinas, SP: Autores Associados, 2004 (coleção educação contemporânea).